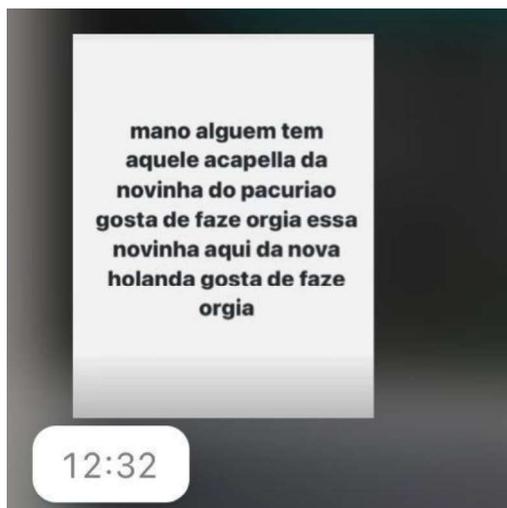


PACURIÃOOVERSO – o *no genre* na cena da produção fonográfica brasileira independente

Para um bom produtor, uma acapella basta: PacuriãoCore celebra a arte livre, o empoderamento sonoro e a construção de um espaço de pertencimento para a cultura jovem e periférica, que agora ganha visibilidade e respeito no cenário nacional e internacional.

Letícia M. Assis



A partir da pré-seleção de faixas variadas realizada pela iniciativa da dupla ribeirão-pretana de ¹DJs Artigo 016 (@artigo016), com o apoio do coletivo Nação Rebolation 69 (@nacaorebolation69), surgem ramificações a partir de uma mesma fonte: a famosa música sobre a novinha do Parque União, região de Belford Roxo, no Rio de Janeiro. A acapella, cantada pelo carioca Mc GW, representa o eixo que originou exatas trinta e nove faixas. Dapiada fez-se o ofício: assim nasce o álbum **PacuriãoCore**, um projeto que uniu jovens DJs e produtores musicais de regiões distintas do Brasil em celebração da arte e cultura marginalizada. Aos DJs e produtores independentes, o álbum representa a multiplicidade de criações a partir da mesma referência.

Aproveito para chamar a atenção ao adjetivo “jovens” utilizado no parágrafo anterior, pois este é um álbum musical desenvolvido por produtores *gen Z*, ou seja, pessoas nascidas a partir de 1996. Tal fato é o gancho inicial para reflexão que quero propor neste texto. Outros representantes dessa geração, como Caio Prince (@djcaio prince), Chediak (@chediak.club), Kenan e Kel DJs (@kenanekeldjs),

¹ Arthur Liporini (25) e Igor Soler (29) são de Ribeirão Preto, interior de São Paulo e juntos formam a dupla Artigo016, desde 2023.

Maffalda (@maffalda), DJ Ramemes (@djramemes), Shavozo (@shavozooficial), entre muitos outros, vivem um momento de ascensão que transcende o perfil do SoundCloud para virais do TikTok, *EuroTours* e assinaturas de músicas de artistas pop. O que todos têm em comum é impacto da democratização das tecnologias de produção musical, intensificada a partir da segunda metade dos anos 2000.

Dito isso, qual o peso da produção independente na indústria fonográfica e cultural brasileira? Ao analisar a rede ramificada de produções que o álbum proporciona, destaco a liberdade criativa como um aspecto a ser considerado. Em *Pacuriãocore*, a acapella sobre a novinha do Parque União percorre diferentes caminhos a cada track. Há uma fala popular no meio de quem gosta de ler sobre a possibilidade de realizar duas leituras de um mesmo texto. A primeira é a superficial, a explícita; a segunda é a profunda e investigativa, aquela que pausamos para pensar, refletir e ir em busca de entender as referências e significados.

A música, enquanto forma de linguagem, é compreendida da mesma maneira. Assim, existe o “ouvir” e o “escutar”, ou o *escutar para além do ouvido* – deixo aqui o convite para você que ainda não ~~entendeu~~ escutou o que há por trás da piada que virou projeto musical. Para reforçar o que foi dito, cito um trecho de um rico trabalho sobre a música experimental que resume o que a coletânea representa:

“(...)O experimentalismo anda de mãos dadas com a inquietação, com a invenção, o rompimento com modelos arcaicos e o compromisso com a liberdade criativa. Esses coletivos e essas músicas refletem as profundas transformações que vivemos nos campos da comunicação, tecnologia, economia e das organizações sociais. (...)” - Trecho retirado do livro **“Desobediência sonora: selos de música experimental e suas tecnologias de sustentabilidade”**, organizado pela Universidade Federal da Bahia, 2019.

Não posso deixar de mencionar brevemente (prometo) sobre o que há de decolonial neste projeto – para aqueles que ainda não estão convencidos de refletir para além da cômica primeira leitura, ou escutada. A grosso modo, a decolonialidade é uma perspectiva crítica de questionamento e superação das estruturas de poder, conhecimento e cultura que nós – latinos – herdamos do colonialismo para criar, adiante, uma consciência de valorização dos nossos saberes e identidades, historicamente marginalizados.

Nesse contexto, uma possível segunda leitura de **Pacuriãocore** emerge a partir

da pegada subversiva, advinda da democratização da produção fonográfica e de reafirmação da importância da produção independente na construção de novas identidades dentro da cena musical. Sabemos que, em termos barreiras discriminatórias, ainda há muito para ser superado, mas cada passo à frente é motivo de comemoração.

Dito isso (gostaria de dizer muito mais), **PacuriãoCore** é reflexo de um movimento já crescente no Brasil, inserido no contexto dos DJs e produtores musicais independentes de MEPB (música eletrônica periférica brasileira). Representa mais um marco no reconhecimento de vozes e expressões artísticas que, antes marginalizadas, agora ganham visibilidade. Uma coletânea *no genre, situada* no âmbito da *música underground*, que ecoa vivências compartilhadas no mesmo ponto de intersecção, produto da geração que transformou limites em oportunidades criativas.